

Quarta-feira de Cinzas

1ª leitura (Antigo Testamento) - Joel 2;1-2,12-17 e Is 58:1-12.

A Quarta-feira de Cinzas e a Quaresma que aqui se inicia nos remetem a dois lugares privilegiados para a manifestação de Deus na Bíblia: o deserto e a montanha. Ambos lugares eram na época o que hoje chamaríamos de "periferia" em relação aos grandes Impérios que dominavam o Antigo Oriente. Em geral as nações poderosas floresceram à margem de rios caudalosos como o Nilo (Egito), o Tigres e Eufrates (Assíria, Babilônia e Pérsia) ou à margem do Mar Mediterrâneo como os Fenícios, Gregos e Romanos. A divindade judaico-cristã, diferentemente, buscará os povos das periferias, nos desertos e nas montanhas do interior.

O profeta Joel fala do monte Sião que, mesmo sendo um centro político e religioso de Judá, não era mais que um lugar periférico do grande Império Persa. Nessa época, Jerusalém era governada por sacerdotes, de acordo com as normas do Império (Esd 1:1-5). Joel aponta para esse pequeno monte de periferia e anuncia o "Dia do SENHOR", isto é, o Dia do Julgamento de Deus sobre o seu povo e seus algozes (vers. 1-2). No entanto o poder de Deus não é de vingança, mas busca o arrependimento e o perdão (v. 12-13). A mudança da sorte desse povo depende da sua disposição de se reunir para pensar o rumo que quer seguir, a vida ou a morte? Busca ainda, a mudança de atitude dos sacerdotes governantes que devem "chorar" e lamentar a situação de miséria e desorientação do seu povo e não apenas consentir com o Império de plantão (versículos 14-17).

A outra leitura indicada para este domingo encontra-se no Trito-Isaías (55-65) que também é da época do Império Persa. Em Is 58:1-12 o deserto é mencionado apenas indiretamente no versículo 11: "*O SENHOR te guiará continuamente, fartará tua alma - "nefesh" em hebraico que significa "vida" - até em lugares áridos (...) serás como um jardim regado e como um manancial cujas águas jamais faltam*". O que transforma o deserto (a periferia da Vida) em fonte de Vida é o compromisso com as pessoas que se encontram na periferia da sociedade: escravos, pessoas oprimidas e subjugadas, pessoas famintas, pessoas sem teto e sem roupas, etc. Essa "mágica" transformadora da "não-vida" em Vida não é outra que a solidariedade com as pessoas da periferia da sociedade e dali brota o poder transformador de Deus.

Os dois textos são uma séria advertência contra o poder sacerdotal do passado e do presente tão preocupado em seguir ritos, dogmas e tradições que esquece de "chorar" junto os que choram pela injustiça, de se comprometer com a libertação e com distribuição da dignidade e de acreditar no poder do milagre que extrapola as paredes dos Templos, que vai além da piedade individual e que invade toda a sociedade. Como entendemos o poder de nossa fé olhando para nossa sociedade e para quê jejuamos? (HMG)

Santo Evangelho: Mateus 6: 1-6, 16-21

O período da quaresma é um momento em que se fala muito em arrependimento, reconciliação, penitência e contrição. É um momento em que

devemos nos voltar para dentro de nós mesmos e nos perguntar que tipo de cristãos temos sido.

No texto de hoje, descobrimos que podemos exercitar a vida cristã e cumprir uma série de suas obrigações motivados pelo erro e pelo engano. Descobrimos que os gestos externos, quando não estão acompanhados pela motivação interna, são não apenas inúteis, mas definitivamente, maléficos.

A primeira verdade deste texto, é que é possível viver uma vida hipócrita.

A palavra *ypocretês*, no grego clássico, podia ser traduzida por "ator" ou por "intérprete". O hipócrita era alguém que representava um papel estabelecido. O lugar onde atuava era o palco e o exercício de sua atuação era na comédia ou na tragédia. Por este texto, descobrimos que corremos o enorme perigo de sermos hipócritas em gestos extremamente nobres e significativos para a espiritualidade cristã. (v. 2, 5, 16) A esmola, a oração e o jejum sempre foram vistos como obrigações cristãs e como distintivos de uma vida consagrada. Mas até mesmo aqui a mentira pode se insinuar. É possível que todos os nossos gestos litúrgicos possam estar equivocadamente direcionados. Se estamos apenas buscando "ser vistos pelos homens" (v. 1) ou a sua "glória" (v.2), então somos dignos de piedade. Nosso exercício é inútil, fútil e vão, porque os homens olham apenas para o que lhes interessa. E fatalmente estaremos presos neste raciocínio impiedoso e cruel. Sim, é possível viver toda uma vida *parecendo* ser aquilo que não somos. Aqui está toda a tragédia da hipocrisia. No dia em que menos esperamos a máscara pode cair.

A segunda verdade que nos chama a atenção, é que é desejável viver uma vida íntegra. Em uma sociedade cada vez mais cheia de ilusões, de simulações, de mentiras, onde as pessoas buscam a ilusão por não poderem suportar a realidade, e fogem para a falsidade e a simulação pela incapacidade de conviver com o mundo real, o cristão precisa fazer uma séria decisão. Fazer de conta que é ou ser de fato. Viver como se fosse ou assumir os custos de ser. Viver uma vida inautêntica e falseada ou assumir os riscos e a alegria de uma vida autêntica. É preciso ter coragem de ser para fugir do não-ser ou do quase-ser. Não creio que uma espiritualidade de aparência, de cores vivas e palavras vazias seja vista como algo sadio, mas sim como uma expressão doentia de uma esquizofrenia fundamental.

A integridade é diferente. Queremos beber água pura, comer alimento saudável, vestir roupa limpa. Todos buscamos a integridade e desejamos o que é certo. Que bom viver a espiritualidade cristã plena da motivação correta. Orar por desejo de falar com o amado; jejuar para se aproximar da paixão de minha alma; abraçar o pobre por ser ele a expressão mais plena de objeto de amor.

A terceira verdade que nos chama a atenção neste texto é que é necessário distinguir uma da outra. Não é fácil saber distinguir o falso do verdadeiro. De fato, acredito que nem é necessário nem preciso fazer isso. Não temos porque julgar a vida de ninguém. Jesus nos falou que só os anjos distinguirão entre o joio e o trigo no último dia. Mas temos o dever de olhar para nós mesmos e fazer um auto-exame, testar a nós mesmos, perscrutar a nosso coração e buscar a lisura e a integridade em nossos gestos e em nossas intenções. E onde está o critério? No verso 21: "onde está o teu tesouro aí

estará, também, teu coração". Do que é composto meu tesouro? O que está dentro de minha "arca do tesouro"? Diplomas, títulos de honra, comendas, atestados de bons antecedentes? Um currículo invejável, participações memoráveis em eventos nacionais e internacionais, viagens, ou quem sabe, o poder, uma boa conta bancária; para alguns é sua imagem, seu prestígio, não importa. Se nosso tesouro é formado destes itens nosso coração está inclinado para coisas que são passageiras, transitórias e banais. Precisamos arriscar nossa vida por algo que valha a pena. Algo essencial e não algo superficial. Algo eterno e não algo transitório. Não acumulemos tesouros aqui, mas lá, onde o Senhor, "justo juiz" nos dará a "coroa que nos está proposta", e não apenas a nós, "mas a todos quantos amam a sua vinda".

Na antiguidade, quando as pessoas queriam comprar uma mesa ou uma cadeira de madeira, elas se serviam de um expediente interessante para não comprar algo com defeito. Colocam o móvel ao sol e esperavam um pouco de tempo. Elas sabiam que muitos vendedores colocam cera nos defeitos da madeira para escondê-los e, assim, poder vender por um bom preço. Ao colocar o móvel ao sol, a cera derreteria e os defeitos ficariam à vista. Foi assim que surgiu a expressão sem-cera ou, sincera. Que Deus nos torne transforme em cristãos sinceros. (JLFA)